

elebu N°27
outubro de 2007

Jambolada

*Dewis Caldas
acompanhou o festival
que sacudiu a mineirada e
contou ao Elebu o que viu.*

Corvallis

*A base do Elebu sai pela
primeira vez de Brasília e se
estabelece temporariamente
na simpática cidade norte-
americana.*

Nervoso?

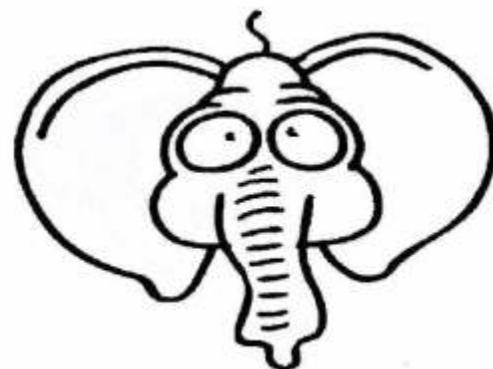
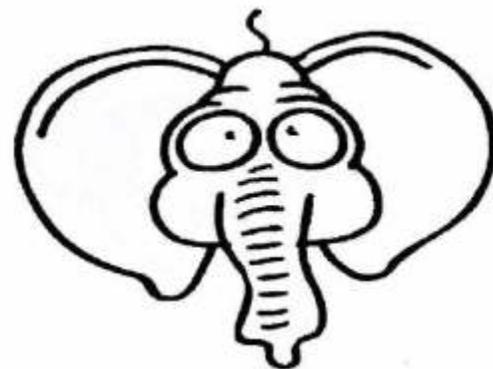
*Confira a entrevista com um dos principais
personagens da cena independente carioca.*

Quando era estudante da Cultura Inglesa, um professor disse que todo aquele que tiver a chance de sair do país para viajar ou estudar, faça acontecer. De certa forma muitas pessoas dizem a mesma coisa, mesmo aquelas que mal saíram da própria cidade. Pois digo que agora faço parte desse coral. Aproveite a oportunidade que tiver e vá ampliar seus horizontes, conheça o máximo que puder nem que seja para constar que a sua cama é um lugar sensacional e a comida da sua mãe é a melhor do mundo.

Vá de mente aberta e procure esquecer um pouco dos preconceitos. Ao mesmo tempo, não se deslumbre tanto ou não se choque tanto, afinal, tudo se trata de uma realidade diferente daquela que se está acostumado. Seja um bom observador e tenha espírito de integração. Um último toque que é fundamental é não dar uma de bobo. Dar uma de "Joãozinho-sem-braço" pode trazer mais chateações do que soluções. Saiba que nem tudo, mesmo no lugar mais civilizado e organizado do mundo, é lindo e não fique de todo surpreso se o banzo começar a atacar.

Toda viagem amplia a sua visão de mundo, mas procure usar a sua também como uma forma de ver como você poderia aproveitar todas as coisas boas que vivenciou e aprendeu para melhorar ao menos as coisas ao seu redor (talvez uma cidade seja grande demais, que dirá um país). E tudo de bom e novo que você conseguir passar, já será uma revolução.

O Elebu agora está dividido pela primeira vez. Tem um pé nos Estados Unidos (por minha causa) e o outro continua no Brasil com os colaboradores em ação. Enquanto estamos assim, porque não aproveitar e trazer uma nova visão de mundo?



ELEFANTE BU N° 27

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO "PORÃO WEB":

Washington Ribeiro

CAPA:

Foto de Zé Maria Palmieri

COLABORADORES:

Washington Ribeiro, Rúbia Cunha, Leonardo de Moura, Georgiana Calimeris.

AGRADECIMENTOS:

Dewis Caldas, Rafael Coimbra e Nervoso.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Pato Fu um monte em especial o *Toda Cura para Todo Mal*; e muita bossa-nova, porque nesse tempo li pela segunda vez o livro *Chega de Saudade*, de Ruy Castro. Aliás, é uma ótima leitura, embora o autor deixe transparecer muitos dos seus preconceitos em relação à música.

APOIO:



porãoweb.com.br

Capa/ Ziniando:

Nervoso

Ziniando:

Festival Jambolada Corvallis

Colunista da Edição:

Rafael Coimbra

O Guia:

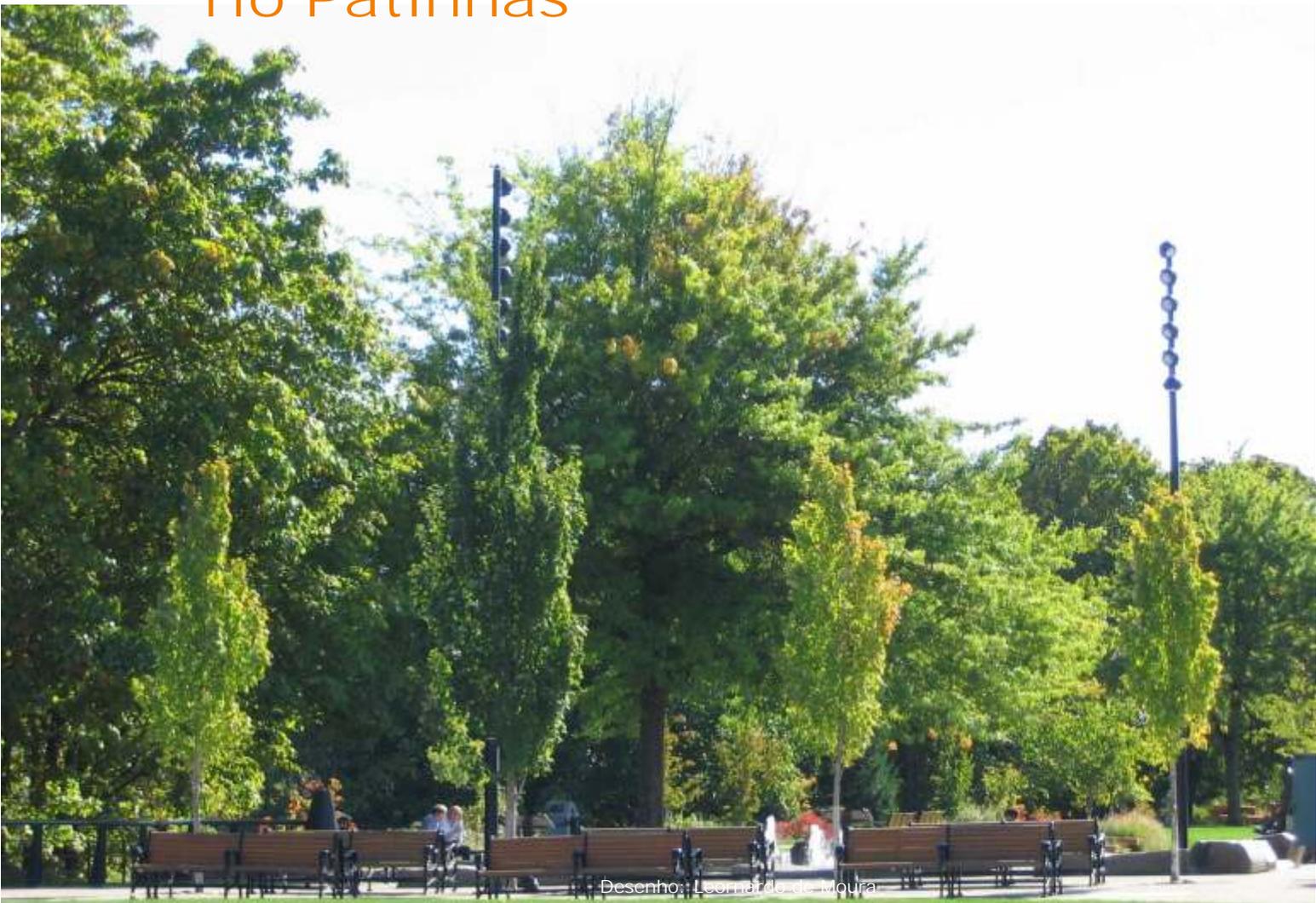
Quem roubou o tempo?

Para Ver:

As bicicletas de Belleville

Mundo Geek:

Tio Patinhas



Desenho: Leonardo de Moura

serenidade



Foto: Zé Maria Palmieri

com auxílio de calmantes

Se você é um dos muitos que consideram o primeiro disco de Nervoso com a banda Os Calmantes uma obra quase perfeita, então vai adorar saber que o segundo disco está quase aí. Mas caso não conheça o trabalho do moço, precisa correr atrás. Nervoso é um dos músicos mais ativos da cena independente carioca. Já fez parte de bandas lendárias como o primeiro momento da Autoramas e da cultuada Acabou La Tequila. Sempre em movimento, Nervoso também faz parte da Lafayette e os Tremendões, que ganha mais e mais fãs com versões bacanas da Jovem Guarda.

Elefante Bu - Como militante antigo da cena independente carioca, você acha que a cidade atravessa um bom momento? Quais são as suas novas bandas cariocas favoritas?

Nervoso - Nunca me liguei em ser "militante" da cena independente. Apenas faço a música que gosto e participo de projetos que me agradam. O Rio de Janeiro é uma cidade repleta de opções culturais para todos os gostos e manias. Capital da boemia carioca, a Lapa vem ganhando novas casas, administradas por pessoas do bem, como o empresário Léo Feijó (Casa da Matriz, Teatro Odisseia, Cinamatec...). Percebo um público mais dinâmico, sedento por novidades. Atualmente, curto muito o Canastra, Kassim+02, Vulgue Tostoi, Binário, Orquestra Imperial, além das cantoras Thalma de Freitas e Nina Becker.

Elebu - Agora você participou de bandas independentes que se tornaram referências. Matanza e, principalmente, Acabou La Tequila são quase veneradas. O que você atribui estar sempre presente em trabalhos tão bons?

Nervoso - Ocorre que sempre andei com essas más companhias dotadas de extremo talento artístico. São amigos com quem me identifico e mantenho admiração até hoje.

Elebu - E você participou do primeiro momento da Autoramas, que pra mim é uma das mais espetaculares bandas de rock do país na atualidade. Também foi co-autor de um clássico que é *Carinha Triste*. Como foi esse momento inicial da Autoramas e por que você não ficou?

Nervoso - O Gabriel me chamou para montar uma banda com ele. Juntos convidamos a Simone, que na época trabalhava no escritório da Na Moral (que empresariava o Planet Hemp). Foi uma época muito boa, mas os shows começaram a coincidir e preferi ficar no Tequila. O Bacalhau havia saído do Planet Hemp e acabou assumindo. Bom, eu já havia tomado o lugar dele no Acabou la Tequila anteriormente, assim ficou tudo em casa.

Elebu - Você, o Gabriel e o Bacalhau estão juntos naquela que é a banda cover mais comentada dos últimos anos: a Lafayette e os Tremendões. Como é que começou essa história de juntar tanta gente que já possui trabalhos individuais interessantes para fazer um repertório com base na Jovem Guarda?

Nervoso - Na verdade o Baca não é um integrante oficial da banda, mas está sempre por perto quando precisamos. Eu tinha esse sonho de juntar meus melhores amigos para tocar músicas do Roberto Carlos e acabei comentando com o Renato (Canastra), que entrou na pilha. Logo depois, ligamos para o Gabriel, que ligou pro Melvin e fechamos com o Marcelo (Callado). A Érika fazia participações no início. Naquele época, o Lafayette não estava conosco e os shows eram marcados por uma anarquia sem precedentes no palco. O Gabriel foi o grande articulador responsável pela entrada do mestre Lafa no conjunto.

Elebu - Aliás, tocar numa banda cover, tocar com uma banda com trabalho autoral, e tocar as suas próprias canções têm o mesmo prazer?

Nervoso - São prazeres diferentes. Nem considero muito os Tremendões como uma banda cover, pois as músicas têm muito a nossa cara, o nosso peso, os nossos arranjos, as nossas piadas, entende? Todos integrantes têm envolvimento

com projetos autorais e tenho certeza que trata-se de uma prioridade.

Elebu - Dos trabalhos de trilhas e vinhetas que você fez, dois chamam muita atenção: o documentário *A pessoa é para o que nasce* e a animação de *Wood e Stock*. O documentário é uma obra espetacular, já a animação vale pelo prazer de ver Angeli em movimento. Você teve um envolvimento mais próximo nessas obras?

Nervoso - Na verdade, não. A trilha do "A Pessoa..." entrou de última hora, depois que eu e Renato mostramos para o Roberto Berliner, diretor do filme. Ele gostou tanto que deu um jeito de incluir no rolo. A do Wood & Stock foi parecido. Produzi a convite do Flu, que enviou para o Otto e acabou rolando também. Tive um maior envolvimento com a produção musical do Anjos do Sol, que estreou ano passado nos cinemas.

Elebu - Vi Anjos do Sol e achei a história muito densa de uma realidade vergonhosa pra todos. E achei que a trilha contribuiu muito para a construção desse peso na tela, e que foi diferente com a do documentário, que foi mais discreta. Queria saber a respeito dessas escolhas para o compositor na hora de apenas compor para preencher o vazio ou na hora de intervir na cena bem ao modo John Williams?

Nervoso - Acho que o compositor deve estar pronto para as duas funções e ter sensibilidade para saber quando utilizar cada uma delas. Muitas vezes assistimos a filmes cujas trilhas funcionam tão bem que mal percebemos a presença delas. Porém, com uma simples eliminação, a diferença é gritante. Nos filmes do Sérgio Leone, por exemplo, a história é outra. As principais inserções das composições do Morricone são impactantes e tomam conta do filme. Imagine assistir *Era Uma Vez no Oeste* sem a gaitinha do Charles Bronson... Assim, cabe ao diretor "brifar" o produtor musical e dar início a uma saudável discussão sobre o andar da carruagem.

Elebu - Agora do seu trabalho solo, *Saudade das minhas lembranças*, teve ótima repercussão, além de gerar um belo hit. Mas já se faz dois anos desse disco e já se começa a pedir mais. Quando é que o seu próximo trabalho chega?

Nervoso - O disco do Nervoso e os Calmantes já está masterizado, mas ainda estamos envolvidos com a parte gráfica. E não pretendo disponibilizá-lo enquanto o material estático - a que dou imenso valor - não estiver ao agrado de todos na banda. Não vejo hora de lançá-lo, mas a qualidade sonora está tão boa, que quero preparar um material gráfico à altura

Elebu - Acho a sua preocupação com o material gráfico das mais louváveis, porque é um ponto fundamental na identificação do trabalho. Mas vejo que a importância de um bom trabalho gráfico e até na preocupação em se produzir um bom vídeo-clipe fica menor na medida que o CD perde sua força e os meios de se passar o clipe se restringem, sendo o Youtube o grande veículo. O que você acha dessas tendências todas?

Nervoso - Existe uma grande euforia com todos esses adventos, mas creio essas tendências existem para somar. Trata-se de mais um bom motivo para lutar para fazer a diferença e não ser mais um no meio de uma infinita e positivamente democrática rede de ofertas sem filtros.



Mineirim de Primeira Viagem

As primeiras surpresas do Festival Jambolada
Por Dewis Caldas

Não sei o que é melhor em Minas Gerais, se o jeito de falar carregado do mineiro, o jeito dele se escorar na parede ou ainda as lindas mulheres. O maior festival de música independente de Minas é o Jambolada, e quando chega perto de setembro, Uberlândia começa a esquentar ainda mais. Depois das 18h sofridas no ônibus, finalmente cheguei na cidade do triângulo, e já fui direto para a Acrópole, um espaço de dois ambientes - um aberto e outro onde ficou o palco - que tinha uma estrutura perfeita para um festival daquele porte.

Já começando tudo, a abertura do festival foi conta da mineira Vandaluz, uma boa escolha assim digo. O vocal rasgado combinado com os riffs medonhos de contrabaixo de uma gaita *faroesteria*, essa é a melhor definição pra exemplificar o show, que ainda vai mexendo e divertindo em cima do palco. O mais belo da segunda banda é a guitarra, sempre conduzindo a música por pequenos solos minimalistas que vão se formando para frasear a voz. O Acidogroove foi a banda vencedora do *Prêmio Toddy de 2007*, uma revelação de Uberaba, bem ali perto de Uberlândia, que tonifica a expressão instrumental aliado a um vocal que despejava letras poéticas ao mesmo que realistas. A Proa tem dois anos de estrada e na hora que entrou despejou logo a *polca-Jazzística* mais entusiasmada que já vi, outra banda de Minas que foi bem escolhida, parece aquelas músicas de

comerciais, mas com um arranjo mais cru. Só o nome que é estranho, pensei que fosse algo sobre navios, mas vêm de Punk Rock, Oldies e Afins, vai entender.

Já Falcatrua já era bem esperada e de circense não é só o nome não, o show parece um espetáculo de tantas performances indecifráveis e tortas do vocalista André Miglio. Vale o show pela empolgação, vale ver de novo, só pra saber se ele é bom mesmo em se equilibrar naquelas cadeiras que ele ficou plantando bananeira. Teve gente que engoliu o nervoso, principalmente a produção. Daí em diante foi quase uma hora de enrolação, tudo pra receber a estrela da noite, o mito, o semi- deus Tom Zé. Mais problema ainda porque só havia um palco para as bandas tocarem, sempre quando uma banda saía, tínhamos cerca de 20 minutos pra esperar a outra, na hora do Tom Zé entrar foram quase uma hora de atraso.

Mas quando ele apareceu o povo se espremeu na frente do palco, e ficou grudado olhando um pedaço da história da música brasileira ao vivo, tinha tudo pra ser um grandíssimo show - que pena - parece que o velho baiano não estava num dia bom, e assim foi o show, com pequenos picos de entusiasmos como em *Politicagem e Xique-xique*, cantada em coro, mas o resto foi só discussão, principalmente dele com pessoas da platéia, músicas com execuções interrompidas nas introduções e mais algumas pequenas coisas que foram irritando. Fico imaginando se a humilde banda que o acompanha não fosse tão boa, o que seria de tudo? E no outro dia

fiquei lembrando da voz do Daniel Belleza entrando no palco ainda na mesma noite: "Vai dormir velho". Ops. A inusitada Juanna Barbera não teve um show muito bom, e logo na início já deu pra saber pela estética forçada dos integrantes. A proposta é muito boa, mas não foi bem executada. As bandas de Uberlândia tendem a ser teatrais ou bizarras, e isso é típico, e quando bem feito da até gosto de ver.

Partimos então para um dos melhores shows do festival. Os acreanos do Los Porongas estão cada vez mais virtuosos e emocionantes, o que já torna a banda uma das principais revelações do rock independente nacional, seja pela letra densa ou pelo vocalista Diogo Soares, que despeja o sotaque acreano às belas melodias em tom maior. Ressalva para *Enquanto uns dormem* e *Suspeito de si*, dois clássicos pra quem acompanha (e gosta) da banda. E isso só foi o começo, porque logo em seguida veio o Vanguard. Sempre quis ver como o público de fora de Mato Grosso reage ao folk-rock cuiabano, e não foi nada diferente, só o número de fotos e autógrafos que foi maior. O show foi o presente da noite, bem melhor do que as últimas apresentações que tinha visto da banda, que não estava tecnicamente na sua melhor forma. E quando se pensava que acabaria por aí, veio os mineirinhos do Porcas Borboletas. Ao contrario do Vanguard, sempre quis ver como a banda é em casa, e Uberlândia cai no côro quando esses caras começam, no repertorio algumas musicas novas, experimentações que estão trabalhando já pensando na gravação do próximo CD, que sairá logo-logo. A diversão montada no palco está melhor do que nunca, até que não tava afim de sorrir mostrou os dentes, e ainda caiu no sapateado. O

festival acertou em cheio com essa programação, o set perfeito para uma noite que ainda fechou com o *Glam rock* do Daniel Belleza e os Corações em Fúria, e isso já era 5h, muita gente já tinha saído. E mesmo assim, ao estilo belleza, o show foi de quebrar tudo - dessa vez não a estrutura - mas quem ficou lá sabe como ele tava empolgado. Desde quando entrou, com sua fantasia descartável tocando uma caixa (de bateria), até quem não tava afim de ver show ficou mais um pouco e ele, como sempre, não se aquietou. Como já estava tarde era hora de ir embora, mas quem disse que ele queria sair do palco, e a galera explodia, outro show memorável, tanto quanto os que ele já fez em Cuiabá.

_querendo ser mineiro

Outras surpresas do Jambão

No segundo dia cheguei assim que a banda Um Bando e o Fim da Quadrilha disse: "valeu galera". Mas saí perguntando pra quem já tinha chegado. Disseram que o som - peculiarmente regional - é cheio de rimas com informações "quase inúteis" sendo cuspidas o tempo todo, ouvi depois e constatei, só faltou ver o show, mas da próxima me apresso. Hora de ficar alguns minutos esperando, aproveitei e fui nas banquinhas de CDs, pra ver como está o preço dos independentes. Enquanto



estava lá The Dead Lover's Twisted Heart começa a tocar, na hora gostei. Parecia uma mistura de disco house com guitarradas dançantes, sim dançantes mesmo. Falando depois com o guitarrista Guto e ele joga: "Odair José, meu ídolo". Ganhei o CD e desde então tenho escutado em casa, cuidado quem também tiver o CD na mão, você pode se viciar. Impossível ficar com a perna parada. Super Hi-fi entrou já rasgando, o vocalista cantava e gritava ao mesmo tempo. De logo, dava pra ver de onde vinha a influência Motorheadiana. Mas o show se perde em muita gritaria, a putaria fica tão solta que acaba sem tanta qualidade. Talvez se eu estivesse bêbado teria gostado mais, e olha que isso é um elogio.

Depois de tanto o cara do *Super Hi-fi* gritar tanto, entrou a Estrume'n'tal, banda de Belo Horizonte que já tá rodando aí a uns dez anos percorrendo quase todos os grandes festivais pelo país. Eu que sou cria de Mato Grosso, acostumado a ver Macaco Bong tocando, me entusiasmei logo com a "pegada melódica quase explosiva", antes deles entrarem, todo mundo tava lá fora, quando a apresentadora entrou pra anunciar a banda teve que ficar uns cinco minutos falando qualquer coisa pra dar tempo de chegar todo mundo, e tinha que ser mesmo, não tinha uma alma penada lá no salão. Mas de cada música executada, mais gente se amontoava, grande banda. Daí veio mais putaria, o que dizer de uma banda que toca *punk, hardcore e heavy metal* tudo junto? Os Dead Smurfs são uma figura, ainda mais quando se apresentam na cidade natal. A galera subia no palco, pulava, subia de novo. E isso é o mais legal da banda, a espontaneidade do discurso. A gritaria deu certo. A próxima banda era pernambucana, e já tem o nome firmado na cena nacional não só pela sua identidade visual proposta, mas pelos elementos musicais tecnológicos colocados. A apresentação dos Astronautas no Jambolada não foi tão extraordinário, mas pode facilmente estar na lista dos sete



melhores show de quem foi lá ver todo o festival.

Daí veio os brasilienses da Supergalo, banda que apareceu do nada ano passado e está em quase todos os festivais independentes pelos estados. Acho que essa já é a oitava resenha que faço deles e tudo tá se aprimorando ainda mais, que bom, embora tenha sido um show bom, achei o do Festival Calango, duas semanas antes, ainda bem melhor, mas que não tira o crédito, se essa banda passar pela sua cidade, veja! Acho que Superguidis é uma das bandas mais comentadas pela imprensa especializada nesses últimos quatro meses. E não é por menos, acabaram de lançar um disco classificado como ótimo. Fiquei atento as chamadas letras despreziosas da banda no show, embora ao vivo seja bem mais pesado, mais duro, ainda sim é um show de valer a pena, até me assustei vendo as meninas cantando, se desmanchando perto



Foto tirada do blog da Acidogroove

Acidogroove foi um dos destaques do festival Jambolada



do palco. Faz tempo que eles não vêem em Cuiabá, acho que tá na hora desse pop arrasador voltar pra cá. Antena Buriti, de Minas, eu não entendi muito coisa. E os capuzes que eles estavam usando não ajudaram muito.

Depois de 11 anos de espera, o Nação Zumbi volta pra tocar em Uberlândia. A última vez foi em 1996 na *Universidade Federal de Uberlândia - UFU*, ainda com *Chico Science* à frente. Enquanto tocavam até a tia do sanduíche cantava junto. Claro que o valor histórico e o conceito que a banda carrega é bem maior do que ela mesma, prova disso é o fato de ainda se apoiar em toda a idéia de Science e do Manguê beat. Desde a apresentadora, que falou mais do antigo líder do que da própria banda, até dava pra ouvir de longe o côro do público clamando: "Chico, Chico, Chico". Que pena, a banda tem seu brilho próprio, embora não seja tão lembrado.

_sou mineiro

Na praça ainda tinha mais surpresas

O último dia do festival foi na praça Sérgio Pacheco, que fica no centro da cidade. O sol tava cascando, mas não tanto pra espantar quem quisesse ir. Tinha tanta gente que dava até pra se perder andando sozinho, o melhor de tudo era que tinha cara de festival, e isso foi só as primeiras impressões, ainda tinha cinco bandas pra se apresentar. O Quarto de tom começou a tarde musical, e já jogou a bola pro Duofel, uma das grandes duplas instrumentais brasileiras. Quando soube da inclusão deles na programação fiquei mais do que entusiasmado, e com aquele palco montado no meio do praça então, parecia que eles estavam acompanhados por uma orquestra inteira, podíamos fechar o olho (clichê) e sentir toda a ambientação com apenas dois violões, afinal são quase 30 anos pelos palcos do mundo. O festival enriqueceu muito com a escalação da dupla, aproveito aqui e parabenizo a produção. Assim que saiu a dupla, quem sobe é o teatral Makely Ka, a começar pelo poema de início o show foi sem muita novidade, apenas uma banda que acaba de iniciar a faculdade.

Mas em diante foram duas apresentações sensacionais, grande fechada de festival. Primeiro os cearenses do Quarto das Cinzas, um eletrônico poético cheio de lances surreais, ainda acompanhados do sol de 17h30. Um show cheio de improvisos que acabou deixando o pessoal perplexo, quem não conhecia a banda chegou em casa se pôs a ouvir, e quem já conhecia emprestou o CD pra quem não conhecia, só pra proliferar. E fechando tudo o Moveis Coloniais de Acaju foi a singularidade necessária, a banda já é umas das que mais roda o país e ainda é dona do show mais efervescente e dinâmico já visto. Ainda mais quando inventam de fazer uma roda, eita, joga pra cima o que tiver na mão. E naquele parque em Berlândia foi exatamente assim, músicas acompanhadas freneticamente pela platéia que chegava ao limite de subir ou destruir o palco. A inquietação dos dez caras é ainda mais empolgante, não param um só minuto. Ainda não pensei numa banda melhor do que eles pra fechar tudo o que aconteceu naqueles três dias. Show memoráveis, organização atenta a todos os detalhes, e uma galera que estava sedenta de guitarra, contrabaixo, bateria e tudo o que tivesse som pelo caminho, valeu a pena dormir de mal jeito na poltrona do ônibus, e no próximo ano já sei, Jambolada.

Vista da fazenda da Universidade Estadual do Oregon com o pico de Mary, um das maiores montanhas da serra da costa do estado, ao fundo.

novos horizontes

A photograph of a sunset over a mountain range. The sun is low on the horizon, creating a bright orange and yellow glow that fills the sky. The mountains in the foreground are silhouetted against the bright light, showing a dense forest of trees. The overall mood is serene and peaceful.

ontes

As primeiras impressões do estado que abriga uma das melhores universidades do mundo (e as melhores cervejarias em solo norte-americano).

Estou fora do país no momento e só volto no fim do ano. Foi uma oportunidade que surgiu e o destino parece até que me empurrou para cá. O "cá" em específico é Corvallis, Oregon, EUA. É basicamente uma cidade universitária, uma vez que a Universidade Estadual do Oregon (OSU), considerada uma das melhores do mundo, ocupa cerca de ¼ da área. A população é pequena, com pouco mais de 52 mil pessoas, por isso não se espante se você identificar rostos familiares em locais diferenciados e inesperados com alguma frequência. Com pouca gente e com um trânsito bem organizado, a hora do hush não passa de um minuto.

A população predominante é branca (aliás, muito branca), e há uma comunidade mexicana numerosa, tanto que a cidade é praticamente bilingüe. Há também um bom número de orientais (em especial os sul-coreanos e japoneses), sul-americanos e alguns europeus, mas esses estão presentes muito em função da OSU. Não são muitos os brasileiros e esses estão reunidos numa micro-comunidade informal com cerca de 30 orgulhosos integrantes. O português parece soar diferente a julgar pelos olhares curiosos que se desperta, mesmo em uma cidade acostumada com o trânsito intenso de estrangeiros ("oi" é dito com um entusiasmo incomum).

Um lugar interessante para se observar essa diversidade de forma mais centrada é na Linn-Benton Community College (LBCC), uma espécie de escola técnica-acadêmica-profissionalizante onde existem cursos oferecidos (e as opções são muitas) que servem como crédito nas universidades estadunidenses. É um lugar freqüentado por universitários (há uma parceria firmada entre a OSU e a LBCC para algumas áreas de pesquisa), gente que ambiciona entrar na universidade e a comunidade em geral. É lá onde faço curso de aperfeiçoamento do inglês junto com gente de todos os continentes. O trânsito é livre, a burocracia é quase zero e nem precisa apresentar passaporte para poder estudar. Há, inclusive, aqueles que vão a Linn-Benton mais pelo ambiente multi-cultural do que pelas aulas. São cursos baratinhos, você pode fazer mais de um desde que os horários não choquem, e muito bacanas. Deixo aí a dica se um dia você quiser se aventurar.

Os Americanos

O curioso é que nesses lugares você confirma que o estadunidense faz justiça à fama de completo ignorante em história geral e geografia. O que surpreende é que ele está longe de ser o único e nem mesmo você é tão sabido assim quanto imaginava, apesar de saber localizar países no mapa com muito mais rapidez. Mas dá para aprender bastante com esse povo como, por exemplo, o fato dele funcionar tão bem em



pequenas comunidades (o sistema de voluntariado aqui é exemplar), da profissionalização, das lições de cidadania, e como fazer dinheiro nas coisas mais simples. São comportamentos que até criticamos, mas seria ótimo, por exemplo, se tivéssemos a metade do amor pela pátria e disposição para melhorar a comunidade que eles ostentam.

Todas as instituições têm programas sólidos de voluntariado. Há ainda aqueles que só funcionam graças a eles. A liga de futebol AYSO, por exemplo, se dedica a organizar jogos e torneios entre crianças e adolescentes em times masculinos, femininos ou mistos. Os organizadores, técnicos e juizes são os próprios pais da garotada.

E já que o esporte foi citado, que o americano é um fanático pelo seu "football" (aquele rugby modificado) e também pelo baseball, não é preciso saber do país para saber. O legal é ver isso de perto. Corvallis é o lar dos Beavers, que é todo o time que representa a OSU. A cidade e os arredores são absolutamente loucos por eles, em especial os times dos seus esportes favoritos. As grandes lojas de departamento possuem espaços específicos para os produtos dos Beavers e da OSU, casas se enfeitam com as bandeiras, os carros saem nas ruas com bandeirolas.

Quando há jogo na cidade, a cidade literalmente se veste de laranja e preto. Desde as primeiras horas da manhã chegam centenas de trailers vindos das cidades vizinhas com as famílias para acompanhar a partida do time de futebol americano da OSU. Até eu, que não sei nem como começa ou termina um jogo desses, fico entusiasmada com o clima que



se estabelece na cidade. Quando eles ganham, a cidade se ilumina e as segundas-feiras são ótimas! Parece que todos acordaram de bom-humor.

Em tempo, o arqui-rival dos Beavers é os Ducks, time da Universidade do Oregon que fica em Eugene, uma das maiores cidades do estado e onde surgiu a Nike. As cores dos Ducks são verde e amarelo, por isso aí vai a dica: não seja gaiato e apareça com camisa da seleção brasileira em dias de jogos dos Beavers, em especial no dia de uma "civil war" (a partida contra os Ducks). Algumas pessoas podem não ser tão esportivas.

A Cidade

Corvallis é ótima para quem quer estudar, criar filhos pequenos sem muitas preocupações ou fazer retiros espirituais. Como atração turística, é excelente para se passar uma semana, tempo suficiente para conhecer tudo com toda calma do mundo e de bicicleta. Não existem grandes edifícios e talvez a maior construção fora da OSU seja o tribunal, que lembra muito uma igreja. Mas é uma cidade muito bonitinha e exemplar na organização.

A vida noturna é discreta. Os "pubs" se concentram numa "orla" às margens do rio Willamette, principal afluente do Columbia, e nas ruas próximas ao centro da cidade. Alguns deles oferecem música ao vivo e alguns servem petiscos que faz a coxinha ser artigo de luxo. Bom, a culinária americana é algo pouco inspirador! Além disso, a vida noturna tem hora para acabar: às duas da manhã. A multa para o bar que funcionar depois do horário é pesada e não se espante quando o relógio der 1h30, o garçom começar a te expulsar. Pela noite é possível esbarrar em alguma fraternidade que esteja promovendo uma dessas festinhas iguais as vistas em filmes: muita bebida, gritaria, e "suruba".

A experiência de se estar numa festa tipicamente americana é algo interessante. Você fica sabendo que os amigos dos amigos do seu amigo tem muitos amigos e todos eles cabem num espaço mínimo. De fato um desafio a lógica e a física. Em muitas delas, quando os vários litros de cerveja começam a fazer efeito, os americanos(as) se liberam a tal ponto que deixariam os frequentadores de um baile





Na página anterior, eu na bicicleta, a melhor forma de se conhecer uma cidade conhecida como "amiga de ciclistas"; moradores de Corvallis se preparam para assistir a mais um jogo de futebol americano dos Beavers; à esquerda, a histórica ponte coberta Willamete, cenário turístico onde ciclistas e pedestres fazem seus exercícios diários; à direita, o centenário tribunal é um dos locais marcantes do centro (downtown) de Corvallis; abaixo, um ângulo privilegiado do vilarejo Yacharts visto do alto da montanha em Cape Perpetua, na costa do Pacífico.

funk abismados.

Pensando bem, até que há sentido na preferência pela cevada, porque aqui é o paraíso para o bom apreciador da bebida. Oregon e Washington são os únicos estados estadunidenses que oferece cerveja com qualidade e variedade (chega às dezenas de tipos diferentes), graças às inúmeras pequenas fábricas espalhadas pela região. Há bares que dão uma caderneta com todos os tipos de cerveja oferecidos (alguns chegam a oferecer 50 variedades). O freguês vai marcando aquelas que já experimentou na medida que vai frequentando o local. Quando ele consegue provar todos os tipos, é homenageado com o seu nome gravado num painel.

Programas mais famílias se resumem aos jogos dos Beavers, campeonatos mirins, em especial os de futebol, idas a parques, e à visitas as feiras e festivais ocasionais que não se diferem muito das que existem no Brasil. Nelas, no entanto, há barraquinhas que na verdade é de uma banda. E tem de tudo: bandinha de jazz, um bluesman de voz rasgada, duplas de folk. A feira mais recorrente acontece uma vez por mês na orla do rio. Ela possui um fórum aberto, onde alguém sobe num micro-palanque e faz, discursa o que quiser dentro de um tempo pré-determinado. É muito interessante ver como essa gente respeita o direito de expressão.

Como Corvallis é considerada uma "bike-friendly city", esse meio de transporte é extremamente usado, então é comum ver desde os ciclistas comuns, até os atletas, amadores ou não, percorrendo a cidade e a fazenda da OSU cortada pela estrada da ponte coberta. A tal ponte é histórica, toda em madeira, como se fazia nos anos 1700s e alguma coisa. Ela foi construída num ponto estreito do rio que corta a cidade e removida para o córrego Oak nos anos 80. Hoje, as únicas coisas que passam sobre ela são bicicletas e pedestres. A estrada da ponte funciona como uma espécie de Parque da Cidade, em Brasília.





A Região

Embora Corvallis não seja uma maravilha como atração turística, estabelecer uma base aqui tem suas vantagens. A cidade fica num grande vale entre a serra da costa e a cadeia de montanhas Cascades e está num ponto onde é possível conhecer vários lugares em viagens que levam de uma a duas horas de carro.

Em menos de meia hora, chega-se no pico de Mary, montanha da serra da costa e uma das maiores da região. De lá é possível ter uma visão panorâmica privilegiada do vale e, dependendo do tempo, dá a gostosa sensação de estar acima das nuvens. A montanha Mary também exerce um importante parâmetro climático para Corvallis, em especial no quesito diversão. Quando o pico está com neve, as pessoas vão para lá brincar.

Com pouco mais de meia hora de viagem é possível chegar a Salem, a capital do estado, e a Eugene/Springfield. Com uma hora de carro, você chega a Newport, já no litoral do Pacífico. É uma cidade pequena que vive da pesca e do turismo. De Newport é possível explorar mais pontos bacanas no litoral, só não o mar em si, porque é gelado a ponto de fazer doer os ossos. Você também chega em Woodburn, onde vai encontrar um shopping center só com lojas de grandes marcas como Calvin Clain, Adidas, Puma,

Nike, GAP, Columbia, e pode comprar os produtos com preços mais baratos do que numa outra loja regular. Um casaco de neve de uma marca famosa que custa \$80, por exemplo, nesse lugar sai por \$30 (e não é ponta de estoque). Sim, é o paraíso do consumo.

À uma hora e meia de carro fica Portland e a divisa do Oregon com Washington. E com duas ou três horas de viagem, é possível conhecer a cidade de Bend, onde tem uma estação de esqui e está cercada de montanhas cobertas de gelo nos picos. Mais vinte minutos de carro além de Bend, você vai parar no deserto, o mesmo onde foi gravada a primeira cena de *Missão Impossível*. E por último há o Parque Nacional Crater Lake, o mais profundo dos Estados Unidos, com as águas mais azuis e completamente morto pelo enxofre do vulcão.

Por hora, o objetivo é passar uma visão geral dessa parte de cá. Até dezembro espero conseguir contar mais a respeito de locais específicos e de pessoas interessantes que cruzar. Até a próxima edição.



Não há problema em deixar brinquedos espalhados.



Numa cena tipicamente americana, crianças vendem limonada e chocolate quente para ganhar alguns trocados.



Uma rua residencial de Corvallis: muito verde e ausência de cercas ou portões.



Apesar de estarem próximas umas das outras, as fraternidades da OSU estão em ruas residenciais e são vizinhas de moradores comuns.



As feiras livres não são tão diferentes quanto aquelas que encontramos no Brasil.



Algumas barraquinhas vendem música ao invés de artesanato, frutas e legumes



O rio Willamette ainda é estreito quando passa no meio de Corvallis, mas já é navegável.



Algumas pessoas usam a orla do rio para recreação, bater um papo, e passar um tempo consigo mesmo.



Pessoas se apresentam ou discursam nos fóruns abertos nas feiras livres.



Os jogos de futebol americano são tão longos, que as pessoas levam a cozinha para o estacionamento a fim de lanchar durante e após das partidas.



A OSU é considerada uma das melhores do mundo em certas áreas. Na área de Tsunamis ela é a melhor e esse é o centro de pesquisa que gera alertas para o mundo inteiro.



Numa cidade onde a população adora pedalar, é possível encontrar dezenas de variedades de bicicleta, inclusive monocicletas.

A lei do



Gérson

Um dia desses, me peguei matutando se já havia dado o famoso “jeitinho brasileiro” em alguma situação. Para meu espanto, percebi que a resposta era negativa. A não ser na época do maternal e do jardim, que vez ou outra um chiclete mastigado, tratava de reparar a perna de um boneco do amigo. Me sentia culpadíssimo, e chegava a ter pesadelos com o mais cruel dos algozes me sacrificando com um chicletão venenoso, ou até mesmo, influenciado pelas escapadelas à noite para assistir os “Contos da Cripta” com o Zé do Caixão, um chiclete-monstro-vingador que engolia suas vítimas, e, assim, acabava contando a proeza em casa, o que sob o prisma da ética, acredito ter sido muito proveitoso.

A noção e construção do conceito de alteridade durante a infância é tão importante quanto o seu próprio exemplo. O que acontece é preconceituoso e egoísta, e parte da grande maioria: querer levar vantagem em tudo. É essa a *Lei do Gérson!*

Em 1976, o supracitado ex-jogador da seleção brasileira de futebol participou de uma campanha publicitária dos cigarros Vila Rica, e assim, criou uma identificação espontânea com a falta de ética do povo brasileiro: “Você gosta de levar vantagem em tudo, certo?” Além dessa identificação, os dizeres de Gérson (que posteriormente se mostrou arrependido de ter

vinculado sua imagem à peça) estavam anunciando e quem sabe, até estabelecendo que era bonito ser corrupto.

Deu no que deu! Furar filas, desrespeito no trânsito e outros inúmeros exemplos intrínsecos ao cotidiano do bom cidadão que, em alguns casos, acaba se sentindo um completo idiota sendo honesto e altruísta. E ainda há quem veja e sinta descabido orgulho pelo “jeitinho”, chamando-o de jogo-de-cintura e malemolência.

Não pretendo elitizar os honestos, mas educação sempre foi bom, e é o que mais tem faltado a esse povo desrespeitoso, passivo e reclamão. E que vá essa malemolência sambar no lugar certo, já!

quem roubou o tempo?

Georgiana Calimeris

Dia quente, muito quente e eu pensando sobre o tempo. Não sobre o clima. O calor vai passar, senão as cigarras vão morrer sem água. Quase deserto nessa região do mundo... aliás, só não é deserto porque ainda tem árvore e cachoeira! Enfim, antes de começar a devanear sobre esse tempo, vamos ao outro tempo, o das horas, o que faz os dias passarem. É estranho eu usar a frase: estou sem tempo! Parece enganador. Uma hora está de manhã e, de repente, do nada, a noite chegou e já é hora de dormir outra vez.

Isso não impede que o tédio ataque uma vez ou outra. Mas, sinto como se estivesse dentro de um trem bala, passando pela vida sem poder sequer apreciar o mundo lá fora. O que mais entristece (um pouco) é não poder estar com bons amigos, não poder dar atenção aos que amo da forma como gostaria. Começo o dia pulando da cama sem muita noção de onde devo ir e, então, sigo adiante com o dia, esperando os segundos passarem. Às vezes, o tempo se foi e eu me pergunto: onde foi parar aquele tempo que parecia ser tão longo? Estava logo ali, bem debaixo do nariz e passou sem que eu visse sem que sequer dissesse adeus! Sinto falta dele... ou, talvez, não tenha sentido passar porque eu gosto do que faço. Dizem que quando a gente se diverte, o tempo engole a si mesmo.

Às vezes, olho no relógio e penso: ai! Ainda

tem uma hora para esperar! Não tem coisa mais chata do que esperar em fila de banco, dentro do carro no clima desértico da cidade, esperar o dia acabar, esperar por qualquer coisa até aquela pessoa certa. O jeito é ir vivendo, só que antes os meses do fim do ano ficavam tão distantes, longínquos como uma viagem de navio.

Agora, é como ir dormir em janeiro e acordar em novembro, já perto do natal, do fim do ano, das festas e, de novo, em janeiro. O que aconteceu com o resto dos meses? Onde foram parar os amigos que deveria ter visitado? Onde foram parar os risos que deveria ter dado? Onde foi parar aquela flor que deveria estar aqui para apreciar? De repente, tudo foi embora como se fosse do nada, desvanecendo na frente da gente como uma foto velha em sépia, desmanchando-se aos poucos. Há pouco tempo, chovia na cidade. Agora, não chove mais... e tudo passou tão depressa que um amigo vai ser pai e eu fiquei sabendo há pouco, uma amiga se foi e voltou da França como um relâmpago atinge a terra.

Será que alguém sabe quem anda a roubar o tempo? Talvez, Michael Ende, em seu livro Momo e o Senhor do tempo, tenha encontrado a resposta nos pequenos homens de guarda-chuva que roubam o tempo... Só pode! Quem tiver alguma idéia, avisa porque quero o tempo de rir, de brincar, de viver de volta!



As Bicicletas de Belleville



Longe dos traços da Disney, os estúdios de animação Les Triplets, Artdog Walking The Dog e Rija Films 203D, tiveram a missão de trazer aos amantes do gênero o filme *As Bicicletas de Belleville*, tendo como diretor Sylvain Chomet, que também trabalhou no roteiro, storyboard e design gráfico da película. A história que ele nos mostra é de uma avó que faz de tudo para dar um pouco de felicidade ao neto. Na busca pela felicidade, alternativas são buscadas visando coisas que interessariam ao garoto.

Nas primeiras tentativas, no entanto, fica clara a frustração e o quão difícil vem a ser a tutoria de uma criança que se encontra desolada emocionalmente. Mas "Campeão" guardava um segredo, o qual ao ser descoberto, dá a chance da boa senhora encontrar a resposta para suas preces. A verdadeira paixão por bicicletas que ele possui fica evidenciada e com isso inicia-se uma vida de treinamentos rigorosos para que, o já então rapaz, tente conquistar o campeonato da França de ciclismo.

Mas eu estaria apenas iniciando o narrar de uma animação que conta não só com o apoio da Monark, como com indicações e prêmios de festivais, dentre eles: BAFTA, Cannes, César, Independent Spirit Awards e o Oscar. Mas a história em si não mostra apenas essa busca pela felicidade. Podemos presenciar o lado dramático, quando o rapaz é seqüestrado pela máfia, levando a avó e o Bruno (cachorro do Campeão) ao encalço deles. As mais adversas situações começam a ocorrer desde então. Bruno e a simpática velhinha, acabam contando com a ajuda de trigêmeas que eram famosas cantoras de cabaré. Uma nota importante sobre este fato, é que o nome original da película seria "As Trigêmeas de Belleville", em alusão a essas cantoras, que possuem uma participação minoritária na animação, mas compensadora por conseguirem arrancar boas risadas com seus trejeitos únicos, não apenas na vida, mas por momentos dignos de atenção na interpretação da canção *Belleville Rendez-vous*.

Bruno por sua vez, mesmo sendo apenas um cachorro, possui seus momentos dignos de nota, graças à psique dele contra trens. Não irei contar o motivo por aqui, pois a minha função é instigá-lo e fazer com que você procure o filme, não é mesmo? Mas não obstante os traços que deixariam amantes da Disney xingando a película que me conquistou desde o primeiro momento, devo alertá-lo de que o filme não possui muitas falas, o que pode causar uma certa estranheza, ao menos às pessoas que não estão acostumados com títulos cult. Quem está não estranhará.

Apenas sei que meu filho de oito anos gostou tanto da história, que se alegrou ao saber que re-loquei o DVD. Acreditem, ele já está pleiteando a locadora para que revenda a ele a animação. Não que ficaria chateada com o pedido insistente dele. Ao menos sairia mais barato para mim.

Outros aspectos podem ser notados, quando se percebe qual cidade serviu de base para Belleville. Os mafiosos que aparecem, também possuem suas peculiaridades, proporcionando momentos intrigantes durante as cenas de ação da película. Creio que devo parar por aqui as minhas linhas escritas, ou se não acabarei contando o filme todo, mas se formos observar direito, até que eu não contei muito, não é mesmo? Apenas o básico, já que isso, sempre encontramos nas resenhas das capas de DVD. (*Rúbia Cunha*)

quadrinhos que valem OURO

Após quase quinze anos desde sua publicação original na Dinamarca, finalmente chega ao Brasil a história que talvez seja a mais aclamada pelos fãs de quadrinhos Disney nos últimos tempos: *A Saga do Tio Patinhas*. O pato com febre de ouro, criado por Carl Barks em 1947, certamente é conhecido do grande público, mas poucos sabem que ele também é o personagem Disney melhor estruturado em termos de cronologia. Só para se ter uma idéia, sua revista mensal (que facilmente atingiu a marca das 500 edições no exterior) já fazia referências ao seu passado em histórias que se tornaram verdadeiros clássicos, sempre sob a batuta do criador Barks. Porém, todas essas referências jamais haviam sido organizadas de modo a contar todo o passado do último membro do clã MacPatinhas. Numa verdadeira odisséia, a saga, publicada no Brasil em três volumes, mostra como Patinhas saiu da Escócia e trabalhou duro pra conseguir todo o ouro que o tornou tão célebre. Numa narrativa cheia de humanidade, é possível ainda conhecer detalhes interessantes como, por exemplo, quem são os pais do Pato Donald, como Patinhas ganhou a famosa "moedinha número um", quando aconteceu primeiro confronto com os Irmãos Metralha e o quanto ele teve que batalhar para alcançar a posição de pato mais rico do mundo. Essa saga, abordando de maneira nunca vista antes este personagem que desde sempre faz parte de nosso imaginário, certamente é o tipo de HQ que há muito não se via em nosso país: uma história que não apenas narra fatos sobre um personagem, mas que o (re)apresenta de modo cativante, para antigos e novos leitores, deixando claro porque personagens como Tio Patinhas nunca perdem sua força mesmo depois de 60 anos de publicação. (Leonardo de Moura)



© Walt Disney Co.

Don Rosa